# A MOTIVAÇÃO DO ALUNO PARA A APRENDIZAGEM

Leida Raasch [1]

**RESUMO**

Atualmente a motivação dos alunos para a aprendizagem é o centro das atenções no processo educaticional, uma vez que este reconhece que a aprendizagem é um processo pessoal, reflexivo e sistemático que depende do despertar das potencialidades do educando, de maneira sozinha ou com a ajuda do educador.

**RESUMEN**

Actualmente la motivación de los alumnos para el aprendizaje es el centro de la atención del proceso educativo, una vez que este reconoce que el aprendizaje es un proceso personal, reflexivo y sistemático que depende del despertar de las potencialidades del educando, de manera sola o con la ayuda del educador.

**PALAVRAS-CHAVES:** Educação; Processo ensino-aprendizagem; Incentivo; professor e família.

## 1 INTRODUCÃO

O final do século XX e início do XXI caracterizou-se por grandes mudanças, em praticamente todos os setores da vida humana, essas transformações são fatos marcantes, dentre os quais destacam-se: a globalização dos mercados, o desgaste dos valores e tradições nacionais em prol da crescente ambição monopolista de países ditos desenvolvidos. Podemos acrescentar ainda o individualismo e o ufanismo que prevalecem sobre a solidariedade. Em meio a essa diversidade de inovações, não podemos desconsiderar a educação, pois a mesma, não deve estar à margem, mas inserida no processo e se adequando às novas necessidades de sua clientela. Essas questões são reais, e como tais, devem ser questionadas e analisadas.

> Diante dessas exigências, a escola precisa oferecer serviços de qualidade e um produto de qualidade, de modo que os alunos que passem por ela ganhem melhores e mais efetivas condições de

[1] Graduada em História do Brasil, Pós-graudada em Gestão Escolar e Didática do Ensino Superior. Espanhol pelo CCAA e UFES. Professora de Língua Espanhola do Instituto de Ensino Superior de Nova Venécia - INESV.

> exercício da liberdade política e intelectual. É este o desafio que se põe à educação escolar neste final de século[2].

Até pouco tempo, a grande questão escolar era somente a aprendizagem de conteúdos, acreditávamos que conhecer era acumular conhecimentos. Atualmente, a questão está centrada em interpretar e selecionar informações na busca de soluções de problemas ou daquilo que temos vontade de aprender. O desafio para o educador é coordenar o ensino de conceitos e proporcionar um ambiente efetivo de aprendizagem. Neste contexto os educadores têm enfrentado o problema da ausência de motivação nos alunos para a aprendizagem.

Para começarmos a analisar essa questão, faz-se necessário definirmos o termo tratado. Para tanto, esclareço que por motivação ou motivo entendo ser tudo aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar o curso. Ela pode ser entendida como um fator psicológico ou como um processo. Atualmente a palavra motivação assumiu uma nova conotação, principalmente no que se refere às metas pessoais [3].

A motivação para a aprendizagem tornou-se um problema de ponta em educação, a sua ausência representa queda de qualidade na aprendizagem. Os estudos realizados sobre o tema, dentre eles, BORUCHOVITCH e BZNECK (2001), enfocam os aspectos cognitivistas, a motivação intrínseca, extrínseca, o uso de recompensas e as metas de realização são tidos como fatores preponderantes para o conhecimento sobre motivação. Questões como organização da escola e da sala de aula são agentes motivadores. Existem ainda, as questões da inteligência, da crença na auto-eficácia, a ansiedade e a satisfação escolar. O esforço, principal indicador de motivação, só é utilizado se o aluno acreditar na capacidade do êxito.

Acredito ser este o grande desafio da atualidade a que nós educadores devemos nos propor: averiguar as razões da ausência da motivação do aluno para a aprendizagem, analisá-las, e buscar estratégias eficazes que ajudem a reverter este quadro. Várias escolas já oferecem um ensino contextualizado, objetivando a formação de indivíduos conscientes, autônomos, dotados de referenciais para realizar opções, capazes de construir conhecimentos, de fazer julgamentos e opções políticas, mas que mesmo assim, o aluno não se sente motivado. Existe algo mais a ser desvendado, uma percepção nos vem à mente, é a de que vivemos em uma sociedade, como já dissemos, onde as mudanças estão presentes em todos os setores e a educação não está

[2] LIBÂNEO, José Carlos. Adeus professor, adeus professora? : novas exigências educacionais e profissão docente. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
[3] Esse tema é desenvolvido por BORUCHOVITCH e BZNECK (2001), quando afirmam que o fato da pessoa ter um objetivo de vida, ou seja, metas a realizar lhe incentivam para o êxito das mesmas.

acompanhando esse processo evolutivo, de acordo com pesquisas [4], esta é uma forte razão para a desmotivação. "*Não só muda o que se aprende, como também a forma como se aprende. A aprendizagem também precisa evoluir"* como bem escreve POZO (2002).

Para motivar alunos é imprescindível analisar as formas de pensar e aprender, para assim, desenvolver estratégias de ensino que partam das suas condições reais, inserindo-os no processo histórico como agentes. Os educandos devem sentir-se estimulados a aplicar seus esquemas cognitivos e a refletir sobre suas próprias percepções nos processos educacionais, de modo que avancem em seus conhecimentos e em suas formas de pensar e perceber a realidade. Devemos ir além do cognitivo, precisamos avaliar a afetividade, pois à medida que o educando adere às propostas feitas, teremos, certamente, uma mudança de comportamento, o que pressupõe aprendizagem[5].

# 2 REFERENCIAL TEÓRICO

## 2.1 EDUCAÇÃO: PAIS E PROFESSORES

Qual será o futuro do nosso país com base na Educação que oferecemos as nossas crianças e jovens? Os agentes envolvidos na educação, seja pública ou privada são diversos, porém, destaco dois fundamentais: pais e professores.

Muito além de se discutir conteúdo programático e outros importantes elementos pedagógicos temos que refletir melhor sobre a Educação. Não somente a Educação (conhecimento) adquirida na Escola, mas aquela que deve também vir de casa, ou seja, com a imprescindível participação da família. Atualmente a família (sociedade), está deixando de lado a sua responsabilidade em educar seus filhos para respeitar o ser humano. Simples

[4] Um exemplo, foi uma pesquisa que realizei junto à alunos do ensino médio, onde um dos itens por eles apontados como razão da ausência de motivação é justamente a não adequação tecnológica e estrutural à seus anseios.

[5] A questão do afeto é apresentada como essencial por WERNECK (2002) em seu livro Ousadia de pensar.

atitudes que demonstram respeito foram esquecidas. Evoluir socialmente não significa deixar de lado atitudes básicas que favorecem o bom convívio social.

A Escola não tem condições de suprir todas as carências existentes na formação educacional e cultural dos seus alunos. É claro que se deve exigir professores qualificados e acima de tudo preparados para realidade atual. Todavia, deve-se compreender que o papel da família também é imprescindível no processo ensino-aprendizagem. O que à primeiro instante parece ser estrita responsabilidade do professor deve também ser dividida com a família.

Sim, o professor deve ser mais, deve ser educador, porém com o aval dos pais. É impossível buscar transformar essa sociedade ilustrada por drogas e violência sem responsabilidade, compromisso e amor de pais e professores (educadores). Neste período conturbado, repleto de transformações, a boa formação sistemática e asistemática do jovem estudante possibilita que o mesmo encare a vida com maior destreza. Para isso, a intervenção da família e da escola são decisivas.
Atualmente, parte dos pais que procuram a escola acredita sempre em seus filhos e de longe conhecem a realidade vivida em sala de aula. Muitas vezes ao invés de compartilhar idéias e reflexões com os professores em busca de melhoria da aprendizagem, preferem "agredi-los" e defender sua "ninhada" questionando as baixas notas atribuídas aos seus filhos.

Questionamento pertinente diz respeito à ausência dos pais que pelas necessidades sócio-econômicas impostas pela vida, passam maior tempo de suas vidas no trabalho e na maioria das vezes para suprir essa ausência dizem "sim" a todos os pedidos materiais de seus filhos. Essa pequenina palavra "sim" quase sempre vem acompanhada de presentes que jamais substituirão a falta do contato familiar. Por outro lado a falta da negação "não" aos pedidos de seus filhos influenciará negativamente na formação destes que deixam de conhecer limites.

Outro elemento fundamental nesta reflexão diz respeito às carências trazidas pelos alunos para a Escola. Muitos trazem de casa o reflexo do mau relacionamento dos pais, falta de condições dignas de vida, reflexos da crise econômica e obviamente a falta de amor. Muitas destas carências são notadas na fala carregada de rancor, como nas atitudes de agressividade e amor. Aos professores resta que se desdobrem tentando ser professores, educadores, pais, mães e amigos.

Enfocarei, a seguir, separadamente, esses dois agentes que considero os mais relevantes no processo ensino-aprendizagem.

## 2.2 A FAMÍLIA COMO PROPICIADORA DA MOTIVAÇÃO

Vivemos num momento histórico-científico em que uma situação deve ser compreendida a partir do entendimento de sua complexidade, a realidade se compõe de diferentes níveis de percepção, sendo múltipla e complexa, a compreensão também se torna complexa. A noção de conhecimento cientifico fica então vinculada há uma rede de concepções e de modelos, na qual nenhuma parte é mais importante que a outra.Não se pode dizer que apenas uma das partes que compõe o universo de aprendizagem da criança é a causa da deficiência do aprendizado.Pode-se compreender a teia dinâmica em que os acontecimentos e seus diferentes entendimentos são compartilhados: a estrutura pessoal da criança, a dinâmica familiar, seu ambiente afetivo, a condição sócio-econômica e cultural, e como a criança se constrói inserida nessas relações de poderes e saberes.

A escola pode representar na vida de um aprendiz um meio para se ter um futuro melhor, ser alguém na vida, uma instituição de aprendizado, cidadania, consciência política, ou simplesmente representar um local onde

se deixam os filhos enquanto se trabalha, um ambiente para socialização e diversão. Ao tratar do papel da educação escolar, uma das questões que se discute é a forma que a escola é concebida no âmbito da comunidade como instituição promotora de conhecimentos, pois o conceito que a família tiver da escola definirá seu relacionamento com a mesma.

Sabemos que para aprender, uma pessoa necessita estar em condições de fazer um investimento pessoal em direção ao conhecimento. Esse investimento está diretamente relacionado aos recursos pessoais mesclados com as possibilidades sócio-afetivas. Vale dizer que a aprendizagem vai acontecendo à medida que a criança vai construindo uma série de significados que são resultados das interações que ela fez e continua fazendo em seu contexto sócio-afetivo.Nesse entendimento a tarefa fundamental da família é promover o "*encontro com o prazer de aprender que foi perdido e recuperado esse prazer de trabalhar aprendendo e de aprender trabalhando" (Fernandez,1987).*

As crianças que apresentam dificuldades de comportamento na escola e muitas vezes têm experiências de fracassos, em alguma área do desenvolvimento, merecem uma atenção especial da família, no sentido de terem a chance de construírem uma auto-estima positiva. As crianças pequenas precisam da aprovação de seus pais para saber quem são, e do que são capazes, portanto, correspondem àquilo que esperam dela, criar um momento de intimidade, e construir uma relação de amizade e confiança, estimular a criança a terminar tudo que começou, ser um ponto de referência seguro e amável, são caminhos que a família pode usar para que a criança tenha uma melhor aprendizagem.

Muitas habilidades emocionais podem ser desenvolvidas na relação pais e filhos, de maneira natural e tranqüila, à medida que os pais comecem a proporcionar estas situações mesmo nos momentos que pareçam ter pouca importância.

Através de uma aproximação dos filhos nos momentos em que as emoções estejam "à flor de pele", os pais podem ir ensinando-lhes, como identificar e expressar de maneira saudável e adequada seus reais sentimentos, sem se

sentirem culpados ou errados, por algumas vezes experimentarem raiva, medo, etc. Um exercício importante para que as crianças possam ir aprendendo sobre suas emoções e assim, irem desenvolvendo a Inteligência Emocional, é discutir com elas sobre exemplos de situações em que elas possam identificar nos personagens das histórias, os sentimentos que permearam determinada atitude, e, como cada um resolveu tanto as suas questões internas, como as externas provocadas por aquela determinada situação. Sobre Inteligência Emocional convém apresentarmos, neste momento, uma observação feita por Celso Antunes (2002):

> À primeira vista, as inteligências pessoais, usadas por Gardner, parecem ser sinônimas da inteligência emocional, relatada por Goleman. Na verdade, entre esses conceitos, existem divergências muito além de palavras diferentes para expressar idéias iguais. O livro de Goleman, *Inteligência Emocional*, cita várias vezes as pesquisas de Gardner, mas Gardner descreve essas inteligências como amorais, isto é, acredita que seu estímulo é possível, mas não é certo preconizar se levará o indivíduo ao bem ou ao mal.

Esta deve ser uma prática instalada na relação dos pais que querem desenvolver a Inteligência Emocional em seus filhos, pois, acredita-se que à medida que as crianças possam discutir e levantar hipóteses sobre os sentimentos que levam uma pessoa a agir de determinada maneira, ficará muito mais fácil para ela tomar suas próprias decisões quando se deparar com situações semelhantes.

A opinião que a criança tem de si mesma está intimamente relacionada com sua capacidade para a aprendizagem e com seu rendimento. O auto-conceito se desenvolve desde muito cedo na relação da criança com os outros.

Os pais atuam como espelhos, que devolvem determinadas imagens ao filho. O afeto é muito parecido com o espelho. Quando demonstro afetividade por alguém, essa pessoa torna-se meu espelho e eu me torno o dela; e refletindo um no sentimento de afeto do outro, desenvolvemos o forte vínculo do amor, como muito bem escreve RUBEM ALVES (2000) "*E é isto que eu desejo, que*

*se reinstale (...) a linguagem do amor, para que as crianças redescubram a alegria de viver que nós mesmos já perdemos".* Essência humana, em matéria de sentimentos.

É nesta interação afetiva que desenvolvemos nossos sentimentos positiva ou negativamente e construímos a nossa auto-imagem.

Se os pais estão sempre opinando a partir de uma perspectiva negativa para os filhos, e se estão sempre os taxando de inúteis e incapazes, ou usando de zombarias e ironias, irá se formando neles uma imagem "pequena" de seu valor. E se com os amigos, na rua e na escola, repetem-se as mesmas relações, teremos uma pessoa com auto - estima baixa e baixo sentimento de auto - avaliação.

Quando a criança tem êxito no que faz começa a confiar em suas capacidades. E quanto mais acredita que pode fazer, mais consegue.

O importante é ensinar à criança que ela pode fazer algumas coisas bem, e que pode ter problemas com outras coisas. E que esperamos que faça o melhor que puder.

Também é uma boa ajuda admitirmos nossos próprios erros ou fracassos. Ela precisa saber que também nós não somos perfeitos: "Sinto muito. Não devia ter gritado. Fiquei o dia todo chateado".

Para ajudá-la a criar bons sentimentos é importante elogiá-la e incentivá-la quando procura fazer alguma coisa, fazendo-a perceber que tem direito de sentir que é importante, que "pode aprender", que "consegue" e que sua família lhe quer bem e a respeita. O cuidado reside em adequar as tarefas que cabem a cada idade e permitir que ela tente, como: colocar suco no copo, (ainda que derrame), a roupa (mesmo do avesso), a jogar objetos no lixo, guardar os

brinquedos, as peças do jogo, ajudar na arrumação dos seus livros, fitas de vídeo, enfim, solicitar a ajuda da criança, partilhando com ela pequenos afazeres, vale até aplausos às suas conquistas. O mesmo ocorrendo em relação às atividades escolares.

Portanto, estabeleça metas realistas e adequadas à idade de seu filho. Dê-lhe oportunidade de desenvolver-se sem super protegê-lo ou sem pressioná-lo, nem compará-lo com outras crianças. Assim, ele formará um conceito positivo de si mesmo. E para desenvolver esse sentimento, estimule-o quando ele sentir que não tem condições de realizar algo. Talvez tenha de dizer-lhe: "Claro que você pode. Vamos, vou te ajudar".

O excesso de cobrança em relação ao desempenho da criança ou do adolescente também pode gerar obstáculos ao bom rendimento escolar. Há pais que extrapolam nas exigências em relação às notas dos filhos ou à sua performance nas atividades extra-escolares (como nos esportes, por exemplo), causando crises de ansiedade capazes de desencadear problemas psicológicos como baixa auto-estima, nível de auto-exigência muito alto e dificuldade em lidar com frustrações. Frases como "Para mim o perfeito é apenas bom", "Tirar dez na escola não é nada mais que a sua obrigação" ou "O segundo lugar é o primeiro perdedor" podem gerar resultados opostos ao desejado: em vez de incentivar o desempenho, acabam por atrapalhá-lo, pois a ansiedade pode bloquear a atenção ou levar o indivíduo à não conseguir mostrar tudo o que sabe (quem não viveu a situação de ter estudado muito para uma prova e, na hora H, ficar paralisado pelo nervosismo e não conseguir escrever quase nada?).

Uma avaliação adequada da ausência de motivação deve levar em consideração que a aprendizagem resulta da conjunção de uma série de fatores, que envolvem o aluno e o seu ambiente escolar, familiar e social. Um acompanhamento próximo e afetuoso da vida escolar do filho pode ajudar

muito na identificação precoce da ausência de motivação para a aprendizagem e indicar atitudes positivas para superá-las.

## 2.3 O PROFESSOR COMO AGENTE MOTIVADOR

> Talvez o problema com grande número de educadores é não perceber a insuficiência dos argumentos racionais para interessar os alunos pelo estudo. Parece que não basta a motivação extrínseca, tentando fazer o estudante interessar-se pelos estudos porque isto é bom para o futuro, ou mesmo que "estudar é gostoso". É preciso fazer uma escola que estudar seja de fato gostoso[6]

É essencial que o professor conheça os fundamentos da aprendizagem e as principais teorias sobre motivação, pois só sabe motivar para aprendizagem quem conhece como os alunos aprendem. A formação do professor e a sua visão social são determinantes, aliado às suas atitudes em sala de aula e à organização do ensino.

A ausência, ou na melhor das hipóteses, insuficiente e/ou equivocada utilização de recursos tecnológicos, são um exemplo do quanto ainda precisamos caminhar para estarmos em condições de atrair o nosso aluno, e despertando nele, o desejo pela aprendizagem. A desvinculação dos conteúdos com o cotidiano do aluno, como algo externo e aparentemente sem serventia, acrescido da má formação do professor têm resultado num descaso ainda maior com a aprendizagem. Como afirma FONSECA (1994) "*percebe-se a necessidade de repensar os processos de produção e difusão do conhecimento (...), criar novas formas de trabalho (...)*".

Precisamos exterminar a queixa muito comum entre os professores referentes ao desinteresse por parte dos alunos em aprender, a ação do professor deve conseguir dos alunos um comprometimento pessoal com sua própria aprendizagem, essa motivação depende de vários fatores, sejam pessoais ou contextuais. Em relação aos pessoais, as metas são fundamentais, já nos contextuais, o começo da aula, a organização das atividades, a interação do

[6] PARO, Vitor Henrique. Qualidade de ensino: a contribuição dos pais. São Paulo: Xamã, 2000.

professor com seus alunos e a avaliação da aprendizagem são preponderantes. Esses momentos dependem da iniciativa do professor.

O professor não tem sido preparado adequadamente na graduação para atuar em sala de aula, mesmo por uma questão histórica, o conteudismo prevaleceu, ensinou-se, e, diga-se de passagem, muito mal, o que ensinar, mas não como fazê-lo. Não quero menosprezar o aspecto individual da questão, onde o profissional deve gostar do que faz, uma graduação bem feita, com um ensino adequado às exigências do mercado, torna-se preponderante até mesmo para que o indivíduo decida se está na profissão certa.

Outro aspecto a ser considerado é de que o professor não gerencia conhecimento, ele repassa informações, que cada aluno aproveitará segundo sua capacidade de aprender, de interpretar dados e informações e transformá-los em conhecimentos. O papel do professor estaria, então, segundo POLETTI (2002), em manter o aluno curioso. É fundamental, motivar o aluno, mantê-lo interessado, pois ninguém transfere conhecimento, transferem-se dados e informações. A gestão do conhecimento é individual, é própria.

É preciso derrubar o paradigma de focar a aprendizagem no método de ensino e sim experimentar compreender o ato de aprender, e de como funciona o pensamento do aprendente, em cada fase de seu desenvolvimento. A ausência de conhecimento teórico, ou a forma inadequada que esses conhecimentos são lidos e passados para os professores, é uma questão a ser discutida, pois cabe saber se essas teorias são partes da escola, e se não o são, a sua procedência e seu respaldo científico devem ser verificados, daí a necessidade da formação continuada.

O ser humano aprende, à medida que vivencia experiências e desenvolve o pensamento. O pensamento é a maneira da inteligência se expressar, portanto, é no pensamento, que mora a aprendizagem. A cada mudança do pensamento, o aprendente produz o seu próprio conhecimento. Piaget chama o

pensamento de estruturas mentais, então cientificamente, o "*conhecimento se dá através do desenvolvimento de estruturas mentais"* que são organizadas internamente.

Essas estruturas mentais são as regras que cada indivíduo usa para processar as informações que recebe, não apenas por repetição ou imitação, mas, através das experiências da vida; por isso que não adianta apenas observar ou receber, passivamente uma informação para aprendê-la, é preciso experimentá-la. Cada criança tem um modo particular de receber informações, e a cada nova experiência ela reorganiza as estruturas mentais para se adaptar, novamente ao mundo. O desenvolvimento do pensamento é a mistura, a interposição das estruturas mentais particulares de cada um e o ambiente, por isso, quanto mais ricas e diversificadas forem as experiências, maior será o desenvolvimento do pensamento e melhor a qualidade do conhecimento, da aprendizagem. Essa visão, de que o pensamento vai sendo construído se apóia na teoria descrita por Jean Piaget, através dos estágios de desenvolvimento.

O desenvolvimento do pensamento se dá através da relação do aprendente com o mundo que o rodeia, por isso é importante que o ambiente seja repleto de estímulos e desafios para que o mesmo possa organizar os seus processos internos e se adaptar à realidade. É nesta interação social, através da conversa e dos trabalhos com outras pessoas, conhecendo outros pontos de vista, favorecendo e amadurecendo o seu convívio com outros grupos e na sociedade que o aprendente adquire experiência e, em decorrência, o conhecimento.

Dessa forma, convivendo com outras pessoas e solucionando os problemas encontrados é que o aprendente terá capacidade de se reorganizar e construir cada vez mais as suas estruturas mentais e atingir a equilibração, que é a mais individual de todas as etapas do processo, pois cada um terá a sua maneira

particular de se desorganizar para depois reorganizar e assim, atingir um equilíbrio interno que servirá de alicerce para as próximas experiências. Baseado nisso é que nós, educadores, devemos proporcionar às crianças um número infinito de oportunidades para vencer desafios, pois só assim, elas conseguirão avançar nas etapas do crescimento e se tornarem independentes e felizes.

Cabe ressaltar que além da questão do ensino insuficiente, do ambiente escolar, o processo ensino-aprendizagem deve ser analisado se está de acordo com as necessidades de cada aprendente; bem como, avaliar se a metodologia comumente aplicada ao ensino está compatível ao que se espera de um ensinante. Em determinadas situações, o ponto central da análise não deve ser a aprendizagem do aluno, mas, sim, o tipo de ensino que a escola ou o professor proporcionam. Há casos em que o professor tem dificuldade em planejar formas alternativas de ensino para aqueles alunos que não aprendem determinado conteúdo da forma que o currículo estipula. Por não levar em conta que nem todas as pessoas obrigatoriamente aprendem mais facilmente de uma forma[7], esse tipo de professor, na sua insistência em utilizar determinado método, acaba por criar no aprendente uma aversão tão grande à matéria que ela passa a odiá-la pelo resto da vida, o que fatalmente influenciará seu desempenho futuro.

A alegação da falta de interesse do aluno com justificativa para o mau desempenho escolar precisa ser combatida de forma radical porque ela implica a própria renúncia da escola a uma de suas funções mais essenciais. Os equívocos a esse respeito geralmente advêm da atitude errônea de considerar a “aula” como produto do trabalho escolar. Nessa concepção desde que o professor deu uma boa aula, a escola cumpriu sua obrigação. Porém o conceito de trabalho humano como ”*atividade adequada a um fim”* (Max,s.d.,p.202) a aula constitui o próprio trabalho, o saber dos alunos.

[7] Sobre este assunto Celso Antunes em sua obra As inteligências múltiplas e seus estímulos, faz uma detalhada explanação, citando-as, caracterizando-as e sugere estímulos às mesmas.

## 3 CONCLUSÃO

Como já mencionamos, vivemos em uma sociedade que é abarrotada a cada momento de inúmeras informações, constatamos que precisamos estar mais bem preparados para lidar com o excesso de informações. Neste contexto PERRENOUD (2000) enfoca a questão da competência do professor em relação à formação profissional, ele afirma que é imprescindível saber para ensinar bem numa sociedade em que o conhecimento está cada vez mais acessível, e apresenta dez habilidades necessárias ao professor. Dentre elas: organizar e dirigir situações de aprendizagem, administrar a progressão das aprendizagens, trabalhar em equipe, utilizar novas tecnologias.

Toda a instituição escolar deve participar ativamente do processo educacional, cada componente deve refletir sobre seu papel, conhecer cientificamente como as crianças e os jovens aprendem para planejar e agir em conformidade. A instituição deve proporcionar mecanismos de planejamento e trabalho cooperativo entre os educadores, visando uma formação do aluno regida pela complexidade dos conhecimentos, do mundo e da vida em sociedade.

Levar o educando a querer aprender é o desafio primeiro da didática, do qual dependem todas as demais iniciativas. O professor que toma como objeto de preocupação o querer aprender, precisa ter presente a continuidade entre a educação familiar e a escolar, buscando formas de conseguir a adesão da família para sua tarefa de desenvolver nos educandos atitudes positivas e duradouras com relação ao aprender e ao educar. Precisamos encorajar os alunos a descobrirem suas próprias soluções e levantarem seus próprios questionamentos, esta é uma postura política e filosófica diante da educação, muito oportuna para os educadores.

Com os avanços nos estudos sobre o processo ensino-aprendizagem, comprovou-se que as inter-relações em sala de aula, em torno dos objetivos comuns, são as que mais favorecem a aprendizagem de conteúdos e de comportamentos sócio-afetivos e morais. A interação grupal fortalece a auto-estima do aluno, a convivência solidária e a visão de mundo que ele constrói. Nestes termos, as relações professor/aluno, aluno/aluno, família/aluno, professor/aluno/família e demais participantes do processo educativo devem ser próximas, intensas, abertas o suficiente para permitirem as trocas efetivas favoráveis ao melhor termo do processo ensino-aprendizagem.

Progredimos quando estamos atentos ao crescimento, às inovações. Precisamos ser autoconfiantes. Não podemos manipular, moldar o indivíduo a fim de produzir o resultado desejado. A filosofia das relações interpessoais é considerada essencial e se aplica a qualquer situação.

Acredito que não existe recompensa maior ao professor que identificar o aprendizado de um aluno junto a seu sorriso de descoberta e satisfação. Mas para que estes sorrisos se multipliquem e possamos realizar mudanças sociais, mesmo que pequenas, precisamos da cooperação entre pais e professores. Desenvolvimento tecnológico, informática, evolução e progresso, sim, porém respeito e Educação são necessários numa sociedade que preze por convívio agradável e digno a todos. Estaremos assim, formando cidadãos conscientes e ativos em sua história de vida e na comunidade em geral.

> O homem transformado, consciente e crítico, capaz de fazer do seu conhecimento e da sua inteligência um "ferramenta" para compreender a natureza e sua interação com a vida humana, é uma pessoa feliz. Essa felicidade social é tudo quanto desejamos para nossos alunos.

## 4 REFERÊNCIAS

1. ALVES, Rubem. **Histórias de quem gosta de ensinar**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

2. ANTUNES, Celso. **Trabalhando habilidades:** construindo idéias. São Paulo: Scipione, 2001

3. ANTUNES, Celso. **As inteligências múltiplas e seus estímulos.** 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

4. BORUCHOVITCH, Evely e BZUNECK, José Aloyseo (orgs). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea.** 1.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

5. FONSECA,Selva Guimarães. **Caminhos da História ensinada.** 2. ed. São Paulo: Papirus, 1994.

6. PARO, Vitor Henrique. **Qualidade de ensino:** a contribuição dos pais. São Paulo: Xamã, 2000.

7. PERRENOUD, Philippe. **!0 novas competências para ensinar.** Porto Alegre: ARTMED, 2000.

8. PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas:** problema central do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, prefácio.

9. POLETTI, André.O professor e a gestão do conhecimento. **Profissão mestre,** São Paulo, p. 22-23, set. 2002.

10. POZO, Juan Ignácio. **Aprendizes e mestres:** a cultura da aprendizagem. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

11. WERNECK, Hamilton. **Ousadia de pensar.** 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.